



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 24 de Janeiro de 2015 • Ano LXXI • N.º 1849 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

CHEGOU até nós, depois de percorrer, a pé, os 10 km que separam a sua casa da nossa. Vive com o marido e dois filhos e, perante a iminência de serem despejados, já entraram no terceiro mês de atraso na renda, veio procurar ajuda para esta aflição, e outras.

O marido regressara em Novembro passado das obras no estrangeiro, sem nada que os ajudasse a sobreviver. Só lhes entrava em casa o abono dos filhos, em idade escolar. Por isso estavam a passar fome, salvaguardados os filhos nas refeições que faziam na escola.

— Estou quase a cair — repetia, enquanto contava a sua situação, tirando sob o frio gélido que se fazia sentir. — Hoje ainda não comi nada... — disse.

Trazia consigo uma carta do seu pároco, passada no dia anterior. Quando não conhecemos os que nos procuram, este é um testemunho que nos dá confiança para começarmos a fazer algo em seu socorro. Perante a fraqueza que manifestava, mandei-a à nossa cozinha alimentar-se para recuperar as forças. Passei-lhe um cheque em nome do senhorio, com o bastante para os dois meses de renda que tinham em atraso. Depois de ter comido, um Rapaz nosso levou-a a sua casa, com a certeza de que voltaríamos a visitá-la.

Pela manhã do dia seguinte fomos lá,

levando alguns alimentos. Uns instantes depois de batermos à porta chegou também aquela mãe, que tinha ido levar os seus filhos à escola.

— Foi tão bom o que a senhora da cozinha me deu ontem — disse, como que agradecendo com um sorriso. — Estava esfoameada. Já consegui dinheiro para uma garrafa de gás, com o trabalho que o meu marido arranjou ontem. Hoje já foi outra vez!

Este é um caso entre muitos outros que nos vão surgindo diariamente. Uns mais aflitivos que outros.

No Domingo anterior, logo a seguir ao nosso pequeno-almoço, chegou um jovem casal trazendo dois filhos pequenos. Ela com uma menina ao colo e ele com um menino pela mão. Ao vê-los pensei tratar-se de visitas. Mas a aparência, actualmente, nem sempre corresponde à realidade. Dizendo ao que vinham, logo me puseram ao corrente da sua situação de desempregados, sem recursos para pagar a renda da casa e para se alimentarem, para além do corte que tiveram no fornecimento da energia eléctrica. Quando trabalhavam não fizeram descontos, pelo que não tinham direito a subsídio de desemprego. A família não podia ajudar. Fora ela a falar, deixando as lágrimas a espregar por difíceis de reprimir.

Continua na página 4



CALVÁRIO

Padre Baptista

Sapiência

ENCONTRA-SE aqui um doente que sofreu um grave acidente de trabalho e, em consequência dele, ficou sem conserto. Perdeu a noção do tempo e do espaço. Da família não digo o mesmo, que já não a tinha. Era um homem só.

Esta situação foi parar aos tribunais e por lá anda, como tantas outras semelhantes.

Entretanto, fui chamado a tribunal. Pensava eu que era por causa do doente que recebera, mas não: era por causa de todos eles. Uma turbulenta tempestade caíra sobre a Obra da Rua e fui constituído

arguido. O tribunal veio a nossa Casa, viu, ouviu, questionou, inquiriu e rejeitou todas as acusações por infundadas e decidiu arquivar o processo.

Ora, enquanto este decorria os seus trâmites, o senhor Procurador volta a chamar-me a tribunal. Pensava eu que era por este processo. Enganei-me outra vez. Nunca acerto. Agora, era por causa do doente sinistrado que havia recebido. E com empenho pedi-me que aceitasse ser nomeado tutor do doente. De imediato, dirigimo-nos ambos ao gabinete do senhor Doutor Juiz para formalizar o acto e assumir a responsabilidade de cuidar do doente. O mesmo Procurador que me acusava de maus tratos aos doentes pedia-me agora que fosse tutor de um deles. Era uma absolvição antecipada: outro modo de dizer que continuasse com o meu trabalho de olhar pelos doentes.

Nem Salomão, em toda a sua sabedoria, se teria lembrado de tomar uma decisão destas: transformar o acusado em tutor da suposta vítima.

Outro modo de proferir sentenças!

A nossa vida é cheia de contradições inesperadas que nos dão cada vez mais gosto de vivê-la.

in O CALVÁRIO-3, pp 208-209

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Só servir

Os que trabalham em favor dos Pobres, nomeadamente da Criança, devem colocar toda a sua glória no bem servir.

Pai Américo

OMário, com 5 anitos, teve de viajar até ao casoto de abrigo num bairro degradado, por via de papeladas a descomplicar. É um tugúrio que não perdemos de vista nem de encontro, pelos tesouros e cuidados que nos picam. São o pequenito e uma irmã enferma, entre outros com mazelas.

Não chegou a tempo das Bodas de Diamante; porém, ontem, estávamos nas Três Avé Marias do Terço e já o repolhito nos batia, salvo seja, no braço para nos confiar uma prenda em papel reciclado, assinada assim mesmo: *Mairo*. Depois, desdobrámos tal pintura e eis o nosso espanto: um rabisco colorido, em jeito de casa, no cen-

tro, com porta e janelas em tons de amarelo e um telhado avermelhado, com uma flor à porta e uma abelhita por perto.

Foi oportunidade de meditar, depois daquele sábado de encontro de gratidão ao Recoveiro dos Pobres das ruas de Coimbra, do Porto e de Portugal inteiro e além-mar em África; e de memória de todos os que viveram e serviram na Obra da Rua, em oito décadas, contando as Colónias de Férias, desde 1935, e a Sopa dos Pobres, em 1932. Os nossos olhos caíram, por esta ocasião, e sempre com sabor a novidade em mais uns nacos do *Pão dos Pobres* e não fomos além porque nos bastou esta migalha preciosa: *Servir quer dizer dar-se*.

A provocação de Jesus é às avessas do mundo, isto é, dos desvios das serventias dos lugares. Quando se encontra uma *pérola de grande valor*, deixa-se tudo e aprende-se a soletrar e a viver o verbo servir. Um sinal curioso que o pequenino rabiscou, na casa, do lado dos raios de Sol, foi uma abelhita laboriosa, que não

perde o seu tempo de flor em flor até nos dar o precioso mel. Para que não cresçam ervas daninhas e haja boa colheita, depois daquele dia, havia que pôr a charrua a lavar os campos, antes que os céus fechados nos mandem a chuva para as sementeiras.

Com os testemunhos dos primeiros filhos que se abrigaram nestas asas, pois a capa que cobria o Amigo dos Pobres era larga e alta, saíram lágrimas a escorrer nas faces deles e de quem os ouvia, quando disseram: — *Matou-me a fome e encontrei pela primeira vez uma cama!* O Mestre ensinou, a quem O quis ouvir, o Caminho da Verdade. Se pobres sempre os haverá, não é fatalismo para cruzar braços ou pôr as mãos nos bolsos, pela dignidade da pessoa humana. Esta é uma causa pela justiça e de doação da própria vida. Há sociedades, ditas desenvolvidas, com bens em abundância e desperdícios enormes e até garantias sociais, nas quais se despreza a vida humana, nascente e no ocaso e Deus é ofuscado.

Continua na página 2

PENSAMENTO

Pai Américo

De uma vez fui acusado ao meu superior por rebelde. Pediu-se a minha deportação para longe da cidade. Moveram-se grandes empenhos neste sentido. Em vão. Os servos do Evangelho podem calcar serpentes, que nada os molesta.

in O GAIATO, n. 282, 18-Dez.-1954,p [1].

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

MIRANDA DO CORVO — Fomos à celebração das Bodas de Diamante da nossa Casa do Gaiato de Coimbra e da nossa Obra. O nosso coro participou na Missa. Havia muitos antigos gaiatos presentes. Ofereceram-nos um bom almoço, a que se seguiu uma palestra sobre o nosso querido Pai Américo. Finalmente houve alguns testemunhos sobre a experiência de cada um nas nossas Casas, gaiatos actuais, antigos e seus familiares. Alguns Rapazes aproveitaram para fazerem um jogo de futebol.

ESTUDO — Os nossos Rapazes estão a fazer o seu estudo, à noite, na nossa Biblioteca. Se precisarem de dicionários lá temos, em várias línguas. Podem também consultar livros de ciências, ou ler livros de romance ou banda desenhada. Um dos nossos Rapazes toma conta das requisições de livros, para controlar os livros que saem. Os nossos carpinteiros foram lá montar uma prateleira grande para podermos arrumar todos os livros.

MUSEU — A nossa Escola junto à Capela está em obras para lá fazermos um Memorial do Pai Américo. Vamos preparar as instalações para depois montarmos tudo aquilo que tivermos do Pai Américo. Teremos livros, fotografias, objectos diversos que o Pai Américo usou, cartas que escreveu e recebeu, jornais, revistas, imagens, etc. Quem tiver alguma coisa relacionada com o Pai Américo e que nos queira oferecer para colocarmos lá, agradecemos muito. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS PEQUENAS COISAS — Para a crónica de hoje não temos nenhum episódio especial a relatar aos nossos Leitores sobre as pessoas que acompanhamos, para além das pequenas coisas de que, na maior parte dos casos, é feita essa nossa relação com eles, procurando ir dando atenção àquilo que de precisamos e onde nós podemos ajudar, a começar, precisamente por essa atenção personalizada. São as batatas a murro com um bom pedaço de carne que vimos um deles almoçar há uns dias atrás, com satisfação, e com um ar relativamente bem aseado para o que são os seus padrões normais de higiene. É o jovem que acabou o ensino secundário e lá vai batalhando para encontrar oportunidades de trabalho, estando, finalmente, a consegui-las. É a pessoa muito limitada nas suas capacidades físicas e mentais que, não tendo controlado bem a temperatura da água com que se ia lavar num destes dias muito frios de Inverno, se queimou e que, agora, lá vai recuperando com a companhia e a ajuda da mulher. É a má educação impenitente daquela outra pessoa que muito deve à nossa Conferência, mas que nos maltrata sempre. É falta de cabeça daquele outro que deita pela porta fora oportunidades de trabalho remunerado à porta de casa, umas a seguir às outras. São as muitas pessoas para as quais, todos os meses, vai grande parte das ajudas monetárias que recebemos para as apoiar na compra de medicamentos.

Não nos queremos pôr em bicos de pés com estas pequenas situações que vamos acompanhando e onde procuramos intervir, a começar pela atenção personalizada e discreta às pessoas que estão próximas de nós e precisam de ajuda. Dito isto, se por esse mundo fora, a começar na nossa casa e à porta da nossa casa, houvesse muito mais redes de pessoas a fazer assim, talvez as sementes de violência e de intolerância tivessem um terreno mais difícil para crescer e não dessem os resultados trágicos que infelizmente têm estado a acontecer.

Que Deus nos dê o discernimento para fazermos bem o bem, e que Ele ajude os nossos Leitores que estão connosco neste esforço para cumprirmos neste mundo o Primeiro Mandamento que Ele nos deu. □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Queremos agradecer a todos os que nos têm ajudado a atenuar os sofrimentos dos mais necessitados.

Ao desfolhar o livro *Pão dos Pobres*, encontramos esta oração de Pai Américo: «... em íntimas confidências, que são segredos do Céu! Aqui onde me vês, de joelhos, humildemente, beijo aquelas mãos discretas e generosas que me deram roupa para a cancerosa e um cobertor para o moço reumático.

Não sei que tenho no meu peito; há anos a receber e a distribuir encomendas ao Pobre e sinto sempre o mesmo alvoroço, fresco e delirante, do receber prenda de ano ou presente de Natal!

Subi, na mesma hora que recebi, ao cubículo do nosso rapaz, sobraçando o teu cobertor, pois eu sabia-o com tanta necessidade de agasalho na casa e andava com tanto frio por via dele!

Ao fundo está o berço do pequenino, desprovido de roupas e de colchões. "Dormimos aqui todos." De sorte que o cobertor que me deste cobre uma família inteira! Ai que quentinha não vai ser a tua cama ao saberes esta notícia!»

É com Pai Américo que vos agradecemos e vos lembramos do muito que temos de continuar a fazer — todos juntos não somos demais.

Os nossos Padres — da Obra da Rua — são incansáveis na ajuda e apoio que nos dão. É verdade que sentimos a falta daqueles que o Senhor chamou. Mas do mais velho ao mais novo, continuam a oferecer as suas vidas por amor d'Ele e do próximo, sentindo no corpo as vergastadas de ideias pseudo-luminosas: — *que estão agarrados a razão desamparada*. É uma arma mortífera, mesmo para eles.

Andamos preocupados com o pequenito de 8 anos. As idas ao psicólogo atormentam-nos. Tudo serve de desculpa para se esquecer da escola, catequese... a casa é só para dormir, comer e berrar. Com a ajuda do Clube Desportivo de Canidelo fizemos a inscrição para o ocupar.

Anda feliz e ao que parece tem jeito para a bola. Aproveitamos estarem todos juntos, numa visita que fizemos, dissemos à mãe: «Não sabemos como será o futebol, se não quiser ir à catequese.» Resposta rápida do pequenito: «E à escola.» Diz a mãe que ele anda feliz, na escola e na catequese gostam muito dele — tivemos a confirmação que sim.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Recebemos de todos aqueles que nos ajudam com amor e carinho, para atenuar as carências dos mais necessitados: M. Fátima Almeida, cinquenta euros; Eng. Roberto Vaz, idem; Áurea Barros, cem; Filomena Saraiva, cinquenta; Laurinda Pontes, trinta; Joaquim Fialho, quinze. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

BODAS DE DIAMANTE DA NOSSA CASA — A 10 de Janeiro, Sábado, foram celebradas as Bodas de Diamante da nossa Casa do Gaiato de Coimbra, em Miranda do Corvo, a primeira da Obra da Rua. O programa, previamente anunciado, foi cumprido ao longo desse belo dia de Sol. Toda a nossa Casa e a nossa quinta foram bem arranjadas com antecedência para receber os nossos Amigos e Amigas e os antigos Gaiatos, que foram chegando e visitando os espaços onde foi fundada a Casa. O salão de festas foi bem preparado e decorado para a celebração da Eucaristia, em especial na zona do altar e com um painel alusivo à data festiva, ficando muito bonito. Pelas 12 horas, teve início a Missa, presidida pelo Sr. Vigário-Geral Padre Pedro Miranda, em representação do Senhor Bispo de Coimbra; e concelebrada por vários Padres da Obra da Rua e da Diocese de Coimbra. Era a festa do Baptismo do Senhor; e, na procissão de entrada, cantou-se *Deus vive na Sua morada santa, Ele prepara uma casa para o pobre*. Os Rapazes de Paço de Sousa e desta Casa, acompanhados ao órgão, animaram a assembleia com cânticos do guião da celebração. Comentando a Palavra de Deus, o presidente referiu-se à humilhação de Deus, em que o seu Filho, Jesus Cristo, quis ser baptizado pelo profeta João Baptista. Disse que o Padre (Pai) Américo também foi um profeta do nosso tempo, que serviu os pobres. Por isso, cantou-se na comunhão *Se vos amardes uns aos outros, Deus permanece em vós*. No final da celebração, muito bela e digna, cantou-se assim: *Ide por todo o mundo, anunciai a Boa Nova*. O salão

polivalente, junto, já estava pronto (13 horas) com muitas mesas bem compostas para o almoço convívio, pelas colaboradoras da nossa Casa e outros ajudantes (alguns antigos Gaiatos e esposas), orientadas pela senhora D. Nazaré. Após a bênção da mesa, serviu-se um bom caldo verde, feito em panelões na nossa cozinha, a que se seguiram outros mimos que todos, Rapazes e Amigos, saborearam com muita satisfação. Depois do café, pelas 14 horas, foi aberta uma interessante exposição biblio-iconográfica sobre o *Pai Américo e a Obra da Rua*, numa sala da nossa escola. Pelas 15 horas, o Padre Manuel apresentou o Doutor Henrique Manuel, da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que fez uma brilhante conferência *De Como Nasceu a Casa do Gaiato*, com alguns textos de Pai Américo, em que salientou a sua beleza e actualidade. De seguida, falaram vários Gaiatos de Casas da Obra da Rua, em que dos primeiros se destacaram José Araújo Pereira (vindo de Carapinheira da Serra — Coimbra) e Mário Diniz de Carvalho (vindo de Leça do Balio), cujos testemunhos emocionaram os presentes, que os escutaram atentamente. O Sr. Professor Doutor Manuel Antunes, do Centro de Cirurgia Cardiorrástica, de Coimbra, entre muitos amigos, marcou presença. Três Rapazes da Casa de Paço de Sousa leram os seus bons testemunhos. Seguiu-se a apresentação da nossa peça de teatro *Aqui é a Casa do Gaiato*, sobre o valor do trabalho, pelos Rapazes da Casa de Miranda do Corvo, e uma dança, ensaiadas pelo Prof. Paulo. A concluir, foi cantado o *Hino da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo*, com



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Entre tantos gritos, conhecemos rostos de pobreza que não nos deixam sossegados. Por medicação crónica, veio um S.O.S., por esta altura. Uma Nazaré, que ama muito o fruto das suas entranhas, a exemplo de Maria, Mãe de Jesus, está também aflita para o criar. O pai do Bubacar, sem recursos, não consegue tê-lo consigo. Este catraio ficou radiante quando desceu ao redil e viu um cordeirito a saltar e a berrar. É por ele mesmo, cuja mãe nunca vimos, que nos chamaram para a assinatura de um acordo de promoção e protecção. No Evangelho está dito com todas as letras e também para o nosso tempo: *Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o reino do Céu*. Na verdade, no tempo em que nos é dado viver, há crianças,

velhinhos e enfermos que são mercadoria para que se sirvam dos lugares.

Aqui e agora, rentinho ao chão, no segredo e à luz cintilante da candeia, dizemos da nossa gratidão tão profunda a todos os que têm cuidado dos nossos *filhos* e ajudado a fazerem-se homens, de verdade. Quem servir os rostos feridos, entregando a sua vida, pode encontrar o verdadeiro Rosto do Crucificado e Vivente, que é a Razão da nossa esperança! Será que às vezes se anda surdo com o barulho dos foguetes e cego com as encenações de solidariedade, sem contemplarmos as verdadeiras estrelas? O Padre Américo deixou bem vincado isto mesmo: *nunca podem fazer papéis velhos da sinceridade, dos cabelos brancos, da vida gasta, do amor apaixonado* — do meu sofrimento. *Nunca*. □

muitos Rapazes em palco e cheios de alegria! O Sr. Padre Júlio, responsável principal da Obra da Rua, transmitiu palavras conclusivas deste grande dia da nossa Família, com um apelo à verdade na vida das nossas Casas. Todas aquelas pessoas que conseguiram ficar até ao cair da tarde, partilharam alegremente uma boa merenda. Estiveram presentes: muitos Amigos e Amigas de várias zonas de Portugal (cujas partilhas e bens alimentares muito agradecemos); autoridades locais; órgãos de comunicação desta região e do Vale do Sousa, e a RTP (programa *Ecclesia*); e membros da Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro. Foi distribuída uma bonita pagela com uma frase e uma foto de Pai Américo, também usada no cartaz comemorativo dos 75 anos de vida da nossa Casa. O amigo Francisco Pedro fez a reportagem fotográfica, que agradecemos. Todos aqueles e aquelas que estiveram ligados e ajudaram esta Família, Casa-Mãe da Obra da Rua e foram lembrados na Eucaristia, o nosso muito e muito obrigado!

AGROPECUÁRIA — Para a nossa quinta ficar mais aseada, a tempo da festa dos 75 anos da nossa Casa, os jardins foram bem arranjados, fresaram-se os socos dos citrinos, podaram-se as videiras e as ruas bem varridas pelos Rapazes com o José Fagundo, o Pedro e o Emídio, nos trabalhos mais complicados. No ovil, tivemos a boa notícia do nascimento de um cordeirinho. A 12 de Janeiro, começaram a ser lavrados os nossos terrenos para a sementeira da aveia.

ARRANJOS — Ficou concluída a ligação da água às nossas oficinas e salões, fazendo mais duas caixas. As tubagens interiores têm de ser substituídas. Nos salões polivalente e de festas e na nossa escola foram feitos, pelos trabalhadores da Casa, arranjos e decorações para recebermos bem os nossos amigos e amigas, nas refeições, Missa, exposição e palestra. Dos arranjos florais cuidaram a Professora Fernanda e José Martins. As senhoras Odete, Florinda, Graça e Cecília, e o Bandarra ajudaram nas tarefas domésticas.

AJUDAS — Várias pessoas amigas, entre elas assinantes do nosso Jornal, comunidades paroquiais e catequese, grupos e empresas enviaram-nos as suas partilhas, que muito agradecemos. Quando for possível, vamos dando conta disso. Como chegou mesmo a 7 de Janeiro, aniversário da nossa Casa, estamos muito gratos à *Molaflex* (de S. João da Madeira), pela excelente oferta de colchões, protecções e almofadas novos, que nos vão dar mais conforto nos nossos quartos. Bem-hajam! Aproveitamos para agradecer e retribuir todos os votos de boas festas e parabéns pelas nossas Bodas de Diamante.

FESTA DA CATEQUESE EM S. JOSÉ — A 11 de Janeiro, Domingo, de tarde, os Rapazes da nossa Casa, acompanhados pelo Padre Manuel e pelos Professores Destacados, participaram com uma dança e o nosso *Hino*, na bonita festa das crianças e adolescentes da Paróquia de S. José, em Coimbra, dinamizada pelos Catequistas, acompanhados pelos pais e guiados pelo Sr. Padre João Castelhana, que deu conta da boa campanha de bens alimentares levada a efeito com muito carinho e amizade. Muito obrigado!

BODAS DE OURO MATRIMONIAIS — A 3 de Janeiro, Sábado, o casal Maria Helena e Carlos Manuel, que foram Professores Primários na Escola desta Casa, celebraram 50 anos de Matrimónio, na Igreja das Carmelitas, em Coimbra, com uma Eucaristia muito linda.

Muitos parabéns e saúde! □

VINDE VER!

Padre Quim

Homem novo

COMEÇAMOS o ano novo com as preocupações mais urgentes da nossa Casa. As circunstâncias da nossa vida neste princípio de ano exigem uma séria reflexão e tomada de decisão com o mesmo peso. Celebrámos ontem, Domingo, «*Dies Dominicus*» a Festa do Baptismo do Senhor. *O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*, de quem João Baptista declarou não ser digno de desatar as correias das Suas sandálias, quis ser Baptizado na mesma fonte de água onde os pecadores receberam a vida nova. A divina solidariedade para com os homens é manifestada visivelmente nas águas do Baptismo. O homem velho é sepultado dando vida a uma nova criatura. Um ano que começa é sempre uma janela de esperança que se abre no horizonte em vista à concretização dos grandes ideais traçados com confiança plena. Não só contando com as nossas forças e capacidades, mas, sobretudo, apoiando-se como coxo n'Aquele que tudo pode! «*Omnia Possum in eo qui me confortat*». Ora, por se falar hoje de muitos modos sobre a preparação do rapaz para o dia de amanhã, cumprindo

com o objectivo da Obra: fazer do rapaz vadio um homem prestimoso e socialmente aceite, bom cidadão, útil a si mesmo e à Nação e, fundamentalmente, um cristão tocado de sensibilidade pela causa dos mais pobres. A Escola ocupa um lugar chave neste processo educativo, por ser aquela que ao despertar da inteligência indica o caminho para sair da imensidão das trevas da ignorância através da luz da razão. E com o santo Baptismo em nome da Santíssima Trindade, passa, agora, a conduzir-se pela luz da razão e da fé. «É a teologia da vida quotidiana», e não se trata aqui do regresso à era da «*Philosophia ancilla Theologiae*...» a serva da teologia. Trata-se de créditos valiosos, de alcance superiores na construção do homem novo, para uma sociedade nova.

Começou a corrida às novas matrículas para este ano escolar e cada vez é mais difícil o acesso, sobretudo, ao ensino médio. Quer pela falta de motivação para estudar, quer pelas exigências impostas pelo sistema de ensino, que pede médias consideráveis e idade correspondente à 10ª classe, que é a fase de

transição, «uma herança da reforma educativa», que no silêncio condena os herdeiros à marginalização do sistema de ensino/aprendizagem.

Nas sete salas, que compõem a nossa escola, centenas de crianças, vindas das comunidades vizinhas, aprendem as lições escolares, colocando as bases onde há-de assentar todo o edifício em termos de escolaridade. Se os alicerces forem fracos, como poderá suportar conteúdos superiores e complexos ao longo de todo o processo académico? Será como o construtor imprudente que construiu a sua casa sobre a areia. O desmoronamento não tardou em acontecer e assistimos, já entre nós, à derrocada do ano académico, por culpa de alguns rapazes que não levaram a vida escolar com seriedade, depois de terem cumprido o 6º ano na nossa escola. E o problema estará nas bases que foram colocadas, mas, também, está nas traquinices que se confundem, muitas vezes, com uma suposta incapacidade intelectual. É preciso ser especialista para saber até onde vai a incapacidade e até onde vai a preguiçite, ambas doenças crónicas que infectam o tecido educativo. Foram aplicados alguns reforços para desincentivar a lei do mínimo esforço (LME), com o nome vulgar «castigos». Esperamos que venham a ter o impacto desejado, para que os frutos apareçam nas próximas colheitas. □

DONA FERNANDINHA

Padre João

«UMA mulher de armas» — de armas de paz e bem-fazer. *Mordoma* principal das nossas festas em Anadia. Conhecemo-la pela mão do nosso Padre Horácio na Praia de Mira no início da década de noventa. Ela e o Padre Vilarinho eram a alma das colónias de férias da Anadia. Mal despontavam os primeiros ardores do Verão, mobilizavam os meninos e meninas mais carenciados do norte serrano bairradino para a Praia de Mira. Era o primeiro grupo da colónia. Com ela, um grupo de cristãos ligados ao movimento socio-caritativo. Todos em acção de voluntariado, subtraído ao seu tempo de férias merecidas.

A colónia da Anadia era logo a seguir à dos velhinhos do Lar de S. José da Covilhã. Estes sempre os primeiros trazidos pelo coração generoso do nosso amigo e deles também, o Sr. Mendes que já partiu para a Casa do Pai.

Dona Fernandinha, como era

familiarmente conhecida entre nós, tinha “estatuto”... Era sobejamente conhecida em toda a Anadia. Grande mulher! Católica de nome e de prática. Até na vida empresarial soube praticar esta virtude imortal, segurando a empresa de que era proprietária na cota que lhe dizia respeito, por amor aos pobres que trabalhavam nos fornos do barro... Quantos desabafos lhe escutámos acerca dos desacertos em que, por amor dos pobres, se vira envolvida, com nefastas consequências para a manutenção dos postos de trabalho — por causa dos mais desprotegidos, os seus preferidos!

Com que estima nos recebiam em sua casa! Que recomendações severas no «Pompeu dos frangos» sobre o acolhimento a prestar à «comunidade gaiata» toda por ocasião da festa: «Olha que é para mim...!» — dizia aos empregados sobre a qualidade do acolhimento; que sempre a tomavam a sério.

Sempre que passava pela Anadia, a visita à Fernandinha era “ponto de honra”! Há tempos passei e toquei à campainha como fazia dantes. Toquei várias vezes sem resposta. Voltei a passar mais tarde e nada! Nesta última, recomendaram-me que perguntasse ao lado. Assim fiz: «A senhora já vive, há muito, no Lar da Misericórdia...» Mudou-se para lá. Foi lá que, desta vez, me encontrei com ela: «Eu já aceitei... temos que aceitar... Quem não aceita sofre mais!» Foi o desabafo de alma que, pressurosos, lhe escutámos, referindo-se à sua nova vida aos 90 anos. A Fernandinha é uma mulher desprendida das coisas, das grandezas da vida e até da fama que o seu nome lhe granjeou. Uma mulher de fé!

A noite descia rápida. Foi um encontro fugaz. Prometi voltar. Regressámos vivamente impressionados com o número de idosos ali residentes. Sinal dos tempos, de grandes desafios para nós todos! □

BODAS DE DIAMANTE DA OBRA DA RUA

Bruno Alexandre

O MEU TESTEMUNHO — Boa tarde a todos os que estão aqui presentes.

Quero começar por dar os parabéns à Casa do Gaiato de Coimbra, neste dia de especial aniversário.

Em Portugal e em África existe uma Obra que pratica a caridade, acolhendo rapazes sem família e, até, ajudando os pobres. Faz hoje 75 anos de existência, esta fantástica Obra, cujo seu nome é Obra da Rua ou Obra do Padre Américo. Esse nome que acabei de referir, Padre Américo, é mais conhecido, pelos rapazes, por Pai Américo. Ele fundou esta Obra e ao fundá-la criou um lema que tivesse a ver com o fim a que se destinava: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*.

Com este lema, também eu tenho tomado responsabilidades. Fui

designado chefe de uma casa, onde tenho de estar atento aos rapazes na casa e na Comunidade, de maneira a que tenham boa convivência, sejam cuidadosos com o bem-estar da nossa Aldeia e de si mesmos. Também gosto de colaborar em todos os trabalhos que é necessário fazer, principalmente na cozinha, ao fim-de-semana, tal como os outros rapazes que também têm as suas obrigações.

Tudo isto é importante para que no futuro possamos estar preparados para enfrentar a realidade, quer profissionalmente quer na vida familiar.

Esta nossa Obra que muitas pessoas apreciam, tem hoje infelizmente menos rapazes, devido à acção da segurança social que se intromete e impede a vinda de rapazes para as nossas Casas.

Ao contrário, em África, as nossas três Casas estão cheias, havendo ainda rapazes a passarem dificuldades e a precisar de um lar, mas infelizmente não podemos fazer nada. Mas não é por causa disso que a Obra há-de acabar, a Obra só acaba quando Deus decidir que acabou a sua carreira por aqui.

Ainda o que nos tem alegrado é a vinda dos nossos verdadeiros amigos, que nos vêm fazer uma visita, e apreciam a nossa vida e aquilo que fazemos, provando isso com a sua presença e ofertas que nos fazem, a quem agradecemos muito a sua amizade.

Para terminar quero agradecer à Casa do Gaiato de Paço de Sousa e à Obra da Rua, por tanto em que me tem ajudado a crescer e a preparar o meu futuro.

Obrigado Pai Américo. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ano Novo

POR alturas do Ano Novo os rapazes que têm família mais chegada vão viver uns dias com ela!

Como somos por natureza e devoção uma família, desfrutamos a festa do Natal todos juntos, no aconchego do nosso carinho, no calor do nosso lar e na alegria comunicativa de todos.

Houve muitos dos mais crescidos que passaram as duas festas conosco. Alguns que foram o ano passado, este ano não quiseram ir. Não lhes perguntei porquê mas dentro de mim surgiram interrogações.

Alguns pequenos vieram mesmo um pouco transtornados.

Bastou quatro ou cinco dias em contacto directo com a vida familiar, com os seus progenitores, para os desorientar.

É o conhecimento próximo da realidade que nos traz estas evidências. Quem elabora as leis de menores, acolhidos em Casas como as nossas, deveria conhecer a vastidão de situações — e muitas como aquelas com que lidamos. Não somente ouvir técnicos, cientistas ou *gente da alta*, como se só estas pessoas manifestassem competência para aconselhar o legislador. Quem anda com as mãos na massa deveria também ser auscultado e intervir com a sua experiência em leis tão teóricas e às vezes contrárias à natureza das conjunturas e da pessoa humana.

Mesmo assim, toda a gente regressou a tempo e horas, o que já considero uma vitória.

Castelo Branco

POR convite irrecusável fui, com o Nuno Tavares, a Castelo Branco buscar uma carrada de roupa nova, a maior parte feminina, que irei mandar para o nosso Padre José Maria, da Casa do Gaiato de Moçambique.

Nunca tinha ido àquela cidade. Era mesmo a única, do País, que eu não conhecia.

Nuno conduziu a nossa *Sharan* quase todo o caminho. — *Ó Nuno, vai mais devagar!*

— *Que é que quer?... A gente até se esquece!*

Mas, não foi por passeio, nem sequer por causa da roupa, mas, sim, pelo convite de quem me falava.

Há muitos anos, que um grupo de pessoas daquela cidade, organiza um dia nesta Casa do Gaiato.

Querem ver os rapazes, rezar com eles, sentar-se à mesa deles e, se lhes permitíssemos, como algumas vezes aconteceu, darem-lhe elas mesmo de comer.

Castelo Branco é uma cidade que ainda sente a presença dos gaiatos. Por lá passaram muitos anos os nossos rapazes a vender o jornal. Eles são a melhor mensagem e a mais bela amostra do que é uma Casa das nossas.

Padre Horácio e Padre Telmo não se cansavam de acompanhar os rapazes e saborear a mesa e o calor daquela gente.

O GAIATO ainda lá vai através do Correio e é lido com encanto! Cada uma das rubricas dos nossos padres é devorada logo que o Jornal chegue.

Claro que me receberam principescamente até à minha confusão íntima. Não sou aquilo que as pessoas julgam, mas como é natural, o carinho conforta.

Depois, quem me viu, não deixou de repartir as suas economias e, até, talvez, os seus sacrifícios.

Castelo Branco é uma cidade laboriosa, onde os valores do homem continuam vivos.

Vê-se pelo traje das pessoas, pela limpeza das ruas e pela enorme quantidade de pequenas empresas ali sediadas e pelo ar tranquilo que se respira.

Molaflex

ANTES do passado Natal, a *Molaflex* contactou-nos a saber se precisaríamos de colchões e a medida de cada uma das camas.

Naturalmente todos tínhamos colchão, mas uma oferta destas não podia ser recusada em virtude de alguns deles já estarem fracos e outros serem de espuma. Nem todos mudaram, mas os mais novos receberam o seu novo colchão e deitaram-se na cama com notório júbilo.

Só nesta Casa o camião da *Molaflex* entregou 56 colchões. Não sei quantos entraram nas outras, mas os nossos padres sabê-lo-ão.

A *Molaflex* está de parabéns por esta surpreendente dádiva, e nós, com elevada gratidão, a Deus, que pôs na consciência da sua Administração a magnífica lembrança e a generosidade para a executar. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

BENGUELA

Padre Manuel António

Animados pela esperança...

ESTAMOS no princípio dum novo ano civil. Como é natural, os pedidos para a entrada de novas crianças na Casa do Gaiato aumentaram em grande número, neste início do ano 2015. Ontem, de manhã, um grupo de pessoas da cidade de Luanda quiseram saber as condições exigidas. Tinham a ideia de que a Casa do Gaiato era um internato tradicional para acolher crianças pobres. A explicação recebida foi uma verdadeira surpresa. A Casa do Gaiato de Benguela não é um internato tradicional. O Ideal que está no seu coração é ser a Casa de Família dos filhos sem família. A Obra da Rua é a árvore, plantada por Deus, no coração de Pai Américo, com todos os ramos virados para a cobertura da rua, com o significado de área social dos abandonados, vadios, excluídos, os mais pobres. A Casa do Gaiato é o ramo que cobre o garoto da rua, abandonado. O objectivo central é ajudar cada rapaz a ser um homem, a autêntica e maior riqueza dum Nação. A propósito, quero falar doutro ramo da mesma árvore que ainda não cobre as ruas de Angola. É o Calvário, a Casa de Família do doente incurável, abandonado, sem família. Bate à porta do hospital. Não tem lugar, porque é incurável. Sim, o hospital é para o doente com esperança de cura. Está certo. Mas, para onde vai o doente pobre, abandonado, sem família, incurável? Vai para a rua, onde a morte o espera, debaixo das árvores ou nos vãos das escadas! Não teve uma forma digna de viver e não tem uma forma

digna de morrer. A Obra da Rua tem um ramo maravilhoso que é a sua coroa. É a Casa de Família destas pessoas que são portadoras da mesma dignidade humana que cada um de nós possui. Quem dera chegasse a Angola, o mais depressa possível! Acontece que, por vezes, o doente leva os dias de vida contados. Mas há um remédio que faz prolongar a vida. É o Amor. Quem dera a Igreja e o Estado abram os seus corações a esta necessidade urgente de haver uma Casa de Família para os doentes incuráveis abandonados!

Dois filhos, criados e educados em nossa Casa ao longo de vários anos, vão deixar o seu lugar a outros que estão à espera. Fizemos a sua preparação escolar até ao fim do ensino médio. Completarão, em breve, 20 anos cada um. Depois deste período de tempo muito exigente para a sua educação, buscamos algum familiar que pudesse acolhê-los nesta fase da sua vida, em que o período mais difícil foi ultrapassado. Querem continuar a estudar na Universidade. Felizmente, graças ao coração generoso dos responsáveis da Universidade Jean Piaget, recebemos duas bolsas de estudo que vão ser atribuídas a estes dois filhos. É, pois, uma forma de continuar a ajudá-los, fora da Casa do Gaiato, ao cuidado dos familiares de cada um. Dois lugares ficam disponíveis, deste modo, para acolhermos outros filhos da rua que aguardam a oportunidade. Como acontece nos lares naturais, nem sempre todos os filhos correspondem ao amor dos pais. Não aproveitam as oportunidades que lhes são dadas

para se prepararem, com bom resultado, para a sua vida futura. Alguns dos filhos da nossa Casa do Gaiato de Benguela procedem de igual modo. Por isso, esses não tiveram bom aproveitamento escolar e reprovaram. A escola é um sector em que são investidas muitas energias humanas. Por isso, o sofrimento é maior. Os pais, os educadores, precisam dum coração muito generoso, onde a paciência, a perseverança, a generosidade, não permitam que o desânimo triunfe. Vamos, pois, continuar, animados pela Esperança e pela certeza do vosso amor, também, assim aconteceu, há dias, com a visita dum pessoa amiga que não quis identificar-se. Pôs em nossas mãos uma ajuda financeira. Vivemos das esmolas que nos dais.

Este tempo é o período das férias grandes escolares. Não temos uma pequena casa de praia, onde os filhos possam passar alguns dias, junto ao mar. Acontece, porém, que o grupo dos mais pequeninos já puderam gozar uma semana de férias, à beira mar, graças a uma casa que nos foi emprestada. Outro grupo irá para o mesmo lugar, na próxima semana. Mais outro vai aproveitar o mesmo benefício. São ajudas que contribuem para o bem destes filhos. Quem os acompanha, como primeiro responsável? É o nosso querido José Luís, que dá a estes filhos todo o carinho do seu coração de pai. Com um beijo dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela, fazemos votos para que o novo ano de 2015 seja muito fecundo em paz, alegria e felicidade para a vida de cada um de vós, inundando o vosso coração de Amor Fraternal, em especial para com os mais pobres, abandonados. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTOU em Maputo, como se estivesse em todo o mundo. Aqui, chegam todas as notícias. As mais terríveis e as mais pacificadoras. Terríveis em massacres em nome de um deus que não pode existir e cada vez leva mais os homens a desacreditar no Verdadeiro; de calamidades naturais que destroem esperanças e vidas. Pacificadora a ânsia do Papa Francisco de correr a todo o lado a espalhar sorrisos de esperança, a amar e deixar-se amar por crentes e descrentes, a clamar na debilitada Assembleia das Nações e na da perplexa velha Europa, ferida no coração, a suplicar a paz, a reconciliação, a humildade para que de cada lado se reconheçam os erros, como caminho novo a abrir para um tempo novo. Nada é como dantes e tudo é como será depois. Para quem reza e vê Deus no seu lugar, só Ele é sempre o mesmo — e no fim de contas os homens foram sempre os mesmos. Ofereceram-me o livro *Epopeia das Cruzadas*. Por ele concluo que nunca deu certo ver a Deus por dois lados. Só dá guerras. Só dará certo quando todos formos capazes de O ver por todos os lados, ou seja, do lado do outro, ou melhor, em cada homem um irmão. Como rezamos num hino de Horas «*porque Ele está connosco nesta hora de violência, pensemos que Ele vive, fala e sente em quem padece*». Mas corremos, pela incredulidade, o risco de perder mesmo o sentido da própria palavra irmão. E quando o perdermos não seremos capazes de acreditar em ninguém, nem em nós mesmos sequer. Seremos todos uns mentirosos. Só Ele continuará O Verdadeiro e sempre com vontade de renovar todas as coisas. Para nós e a começar por nós.

Em nossa Casa, estamos a começar um ano novo. Não podemos deixar de fazer dos acontecimentos diários, daqui e de longe, ensinamentos na mente dos Rapazes, para que vão aprendendo a preparar o futuro. Nada mais penoso que chegar um Rapaz aos 17 anos ou décima classe e não saber o que quer. Quem não tem um ideal, nessa idade e fora de Casa, pode ser levado por outros para bons ou maus caminhos. Por isso, nos dão mais preocupação os que estão fora que os de dentro a quem vemos todos os dias e corrigimos os desvios a tempo.

Esteve connosco o Padre Júlio, responsável da Obra da Rua. Veio assinar os nossos Estatutos, como Associação Casa do Gaiato de Maputo, para finalmente desbravar o caminho muito complexo do aproveitamento da terra, uma vez que muitas infra-estruturas estão desaproveitadas, por falta de culturas, desde que a conduta de água, feita para nós, nos foi retirada por interesses políticos. Padre Júlio veio, mas não teve tempo de sair daqui para mergulhar na realidade deste Moçambique tão complexo. Queríamos que para além de tudo, levasse a alegria e a consolação do que somos, como e onde chegámos e como estamos. Sobretudo que partilhasse o peso da Cruz que verdadeiramente só quem a carrega é que sente. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DOIS rapazes meus, já homens feitos, responsáveis na sociedade, independentes desta Casa, um já com filhos, sondaram-me, por telefone, se eu tinha alguma mobília ou electrodoméstico para valerm a uma irmã com uma filha e graves problemas familiares e habitacionais.

Exultei de alegria!

Dois irmãos gaiatos a sofrerem por causa da infelicidade da sua irmã de sangue, que não de convivência, pois ela não havia nascido ainda quando os fui buscar à barraca da mãe, nos arredores do Montijo.

Chamo-lhes rapazes, mas eles são dois homens com “H” grande, os quais, ao longo da sua conduta, sempre honraram o próprio nome e o da Casa do Gaiato.

Por falta de equilíbrio e formação, esta irmã, pelo que eu percebi, tem sido para eles fonte de sofrimento e desassossego. Ela fora obrigada a mudar de casa e não tinha nada, além de alguns rudimentares electrodomésticos.

Eles compraram-lhe a máquina de lavar roupa, alguma mobília, levando daqui pouca coisa, pois

acharam que o que dispusemos para lhes dar, era bom demais, para a sua irmã.

— *A gente não sabe.* — Desabafava um deles.

— *É melhor ficar assim. Aquelles móveis são muito bons e nós não confiamos.*

Uma atitude sensata. Um juízo aproximado, construído exactamente pela visita, diálogo, exame das pessoas e das condições. Tal como recomendaria a prática vicentina.

Levaram a nossa camioneta, carregaram o que entenderam e ainda abasteceram de gásóleo, contra a minha recomendação, o depósito do veículo.

— *Pronto. Fizemos o que devíamos!* — Disse o mais novo, ao regressar.

Quem como eu conhecera as condições de onde os arranquei — o mais velho já não andava na escola — e os vê agora inquietos, solícitos e sofrendores com um membro da sua família, é de eclodir de alegria e dar graças sem cessar a Deus Pai, que frutifica tão boa sementeira.

Tanto um como outro, nunca

manifestaram relutância em visitar, comigo, os pobres. Pelo contrário, faziam-no alegre e corajosamente, lembrando-me até dos compromissos assumidos nas nossas visitas:

— *Não se esqueça do que prometeu àquela família.*

Não temos, em Casa, uma Conferência Vicentina organizada, como noutros tempos, pois os rapazes estão sempre muito ocupados, mas vamos fazendo como o Padre Américo e os vicentinos, embora de forma menos sistemática, mas espontânea.

Os pobres a que acudimos são tantos que é impossível aos rapazes visitá-los, ainda que fosse uma vez, mensalmente. Eles vão comigo, com a nossa camioneta, carregam num lado e descarregam nas casas dos pobres, com naturalidade e alegria, e isso, fica-lhes gravado na memória e no coração. É um jubiloso resultado que a todos enche de alegria. Diz o salmista:

«*À ida vão a chorar levando as sementes*», nestas andanças temo-nos esforçado muito, mas nunca deu para chorar! «*À volta*

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

Como não os conhecia, apresentaram-me uma carta do seu pároco redigida de véspera, comprovando as necessidades por que estavam a passar. Levaram ajuda para os dois meses de renda em atraso e mercearia com alguns mimos para as crianças.

Os muitos afazeres, às vezes em catadupa, não nos permitem acompanhar sempre de perto os nossos Pobres, como queríamos. Somos uma Obra da Igreja. Os párocos que lhes estão mais perto, e que se interessam por eles, sentimo-los a colaborar com connosco neste serviço de os alimentar e animar. É a missão do padre que significa e é pai.

Também estás presente com a tua capa, nesta missão, sob a qual se acolhe quem procura refúgio; e a alegria de dar que é companheira da alegria de quem recebe. □

vem a cantar trazendo os molhos de espigas».

Verdadeiramente uma colheita como esta é jubilosa!

A Casa do Gaiato, não só estancou a miséria a que o seu estado familiar os levaria, mas fê-los extintores de outras pobreza, que também poderiam transformar-se em nascentes de outras misérias.

A nossa Catequese não é somente teórica, nem se fica no exemplo pessoal, passa à acção. Os actos reforçam as convicções e tornam-nas evidentes, aliciando assim a comportamentos cada vez mais audazes e generosos!

Fosse assim o trabalho apostólico de toda a Igreja! Não se ficaria

nas festas da Comunhão Solene, ou noutras, como finais de um curso, aquisição de um diploma ou entrada numa vida social mais livre e mais larga, sem horizontes sobrenaturais e se apontasse um caminho de doação prática, onde já estivesse inserida toda a Comunidade, pois a meta cristã para ser real e verdadeira, terá de ser como o profeta anuncia: *Proclamar fielmente a justiça, não desfalecer nem desistir enquanto não estabelecer a Justiça na Terra*; o mesmo que é dizer, levar a vida inteira, até ao fim, neste trabalho glorioso, dado ser tão vasta a injustiça dos homens e só a Deus possível a sua extinção. □